

O drama de Rezek com a apuração emperrada

670

Andando de cômodo em cômodo no seu apartamento da Asa Sul. Às vezes, sentando alguns minutos para assistir aos telejornais. Assim, o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Francisco Rezek, atravessou as últimas quatro noites pós-eleitorais, freando as preocupações e a tensão com o silêncio. "Normalmente, ele não é tão calado", contava ontem sua mulher, Miréia, revelando que o peso sobre os ombros do marido se multiplicou com a lentidão inicial da divulgação de resultados e, principalmente, com os torpedos desfechados contra o TSE pelo candidato do PDT, Leonel Brizola, que levantou a suspeita de fraude.

Rotineiramente "muito calmo", Rezek só trocou palavras sobre o assunto em casa após vários esforços de Miréia. Afinal, a válvula de escape do casal ficou entupida nestes quatro dias. Eles suspenderam um ritual de todos os dias: às 6h15, saem juntos para relaxar, andando pelos gramados que cercam as superquadras de Brasília. Mesmo tendo se alimentado bem ao longo desses dias — café da manhã, almoço e jantar em casa —, o ministro saía para o TSE muito cedo. Miréia diz que a saúde do marido "vai muito bem". Rezek, 45 anos, não recorreu a médicos, nem mesmo para pedir receitas de calmantes. E vem dormindo no horário normal de meia-noite. O silêncio que tem marcado sua convivência atual com a família, Miréia e os quatro filhos, está emoldurado pelo embranquecimento progressivo dos cabelos do ministro a partir do instante que os candidatos à Presidência da República soltaram suas campanhas nas ruas.

No dia 16, quando chegou ao



O presidente do TSE esperava uma apuração tranqüila, com o auxílio da informática. A coisa complicou, o tribunal recebeu vários torpedos e ele ganhou muitos cabelos brancos.

TSE, encontrou o retrato da expectativa frustrada do tribunal divulgar rapidamente os resultados. A tensão do ministro se deparou com a dos funcionários da Coor-

denadoria de Informática do TSE, que atravessaram a noite — ficaram no ar 48 horas ininterruptas — quebrando a cabeça para descobrir porque os tribunais regionais não estavam mandando os dados. O coordenador Roberto Siqueira e seu assistente Benedito dos Santos mostravam olheiras profundas.

Praia

O porta-voz do TSE, Irineu Tamanini, "deve estar comendo no Centro de Convenções". Esta é a impressão de sua mulher, Maria del Carmen, que praticamente não vê o marido. Tamanini virou a madrugada do dia 16, só conseguindo passar em casa às 6 horas, apenas para tomar banho e trocar o terno. Carmen, também jorna-

lista, tinha viajado no dia 14 para cobrir a eleição em Porto Velho (RO). Voltou no dia 16 e, desde então, só tem estado com o marido cerca de quatro horas por noite. O porta-voz é incansável. Ele circula incessantemente pelos seis mil metros do Centro de Convenções, subindo e descendo escadas, correndo para atender as solicitações de 500 pessoas — jornalistas, assessores do partido —, organizando as entrevistas coletivas, coletando informações com os membros do TSE, sempre cordial.

O bom humor é constante. Mesmo quando ouviu reclamações de uma repórter sobre informações, que ele passava aos jornalistas presentes, e que ela considerava "exclusivas". "Deveriam ir atrás", esbravejou. Tamanini se limitou, às 23 horas de sexta-feira, a responder calmamente que "não há exclusividade". A tensão que desabou também sobre ele tem recebido tratamento de choque: trabalho e mais trabalho.

Os três filhos de Irineu e Carmem Tamanini — Rodrigo, Daniela e Rafael — estão acostumados com a ausência do pai. Tamanini, antes de assumir o cargo no TSE há seis meses, trabalhou dez anos no Palácio do Planalto, como repórter da então Empresa Brasileira de Notícias e, nos últimos tempos, da Rádio Nacional. Acompanhava todas as viagens presidenciais e, fora disso, cumpria o ritual de qualquer repórter escalado para o Planalto, de cumprir diariamente no mínimo dez horas de trabalho. "Ele só tem contato com as crianças nas férias", falou Carmem: "Ele sai, eles estão dormindo. Ele chega, já dormiram".

Até o aniversário de Rafael, 5 anos, foi antecipado este mês, para contar com a presença dos pais. Tamanini e Carmem fizeram a comemoração no início de novembro, pois no dia real, 16, "seria impossível".

Carmem está contando os dias para as férias, sempre em cidades litorâneas, inicialmente marcadas para janeiro. "Adoramos praia, mas temos que esperar a proclamação (do novo presidente). Tomara que tudo dê certo", apostou. Nas pouquíssimas horas de sono que tem sido nos últimos tempos, os sonhos do porta-voz devem estar povoados de areia e mar.

Mônica Torres Maia/AE